
CARTAS ÍNTIMAS

(*Performances*, 2003)

— *de Brian Friel*

>>

306>307

* As organizadoras deste volume agradecem reconhecidas a gentileza do autor Brian Friel que, pronta e afectuosamente, acolheu o pedido de publicação desta tradução inédita de uma das suas peças.

'All rights whatsoever, other than those granted herein, in this Work are strictly reserved to the Author and any enquiry concerning any and all rights in and to the Work must be made in writing to: The Agency (London) Ltd, 24 Pottery Lane, Holland Park, London W11 4LZ; e-mail info@theagency.co.uk No other use of the Work is permitted without the prior written approval of The Agency (London) Ltd.

CARTAS ÍNTIMAS¹

(*Performances*, 2003)

— de Brian Friel

PERSONAGENS

Leoš Janáček, compositor
Anezka Ungrova

MÚSICOS

Afonso, primeiro violino
Ana Madalena, segundo violino
Lourenço, viola
Ana Luísa, violoncelo
Filipe, pianista

>>

ESPAÇO

O estúdio de Janáček em Brno, capital da Morávia

TEMPO

O presente

Performances estreou no Gate Theatre, Dublin, a 30 de Setembro de 2003.

Devo agradecer a Michael Colgan que me deu a conhecer as cartas de Janáček a Kamila Stösslová e sugeriu que poderia haver ali uma peça.

Devo agradecer uma vez mais a George Steiner cujas observações sobre composição e quartetos de cordas foram extremamente importantes para mim.

— Brian Friel

Citações das *Intimate Letters: Leoš Janáček to Kamila Stösslová*, organizadas e traduzidas por John Tyrrell (1994), com autorização da Faber and Faber.

MÚSICA

Antes da cortina subir: "Esperarei por ti". Piano

"Prometeste casar comigo". Piano. Executado duas vezes.

"Naquele campo claro de Hurasky". Piano

"Um riacho corre". Piano

"Naquela planície de Javorina". Piano

Quarteto de cordas em Fá maior, Op. 96, de Dvořák – final – compassos 38-84.

Quarteto de cordas n.º 2, de Janáček – terceiro andamento – compassos 29-50. (A sequência da "canção de adormecer").

Quarteto de cordas n.º 2, de Janáček – primeiro andamento – os primeiros nove compassos.

"Esperarei por ti". Piano

Quarteto de cordas n.º 2, de Janáček – segundo andamento – compassos 1-11.

Segundo quarteto de cordas, de Janáček – segundo andamento – as seistinas em flautato ("rouxinol").

Quarteto de cordas n.º 2, de Janáček – os primeiros dois andamentos na totalidade – fora de cena (aproximadamente 12'30"). Os dois últimos andamentos na totalidade – em cena (aproximadamente 13'30").

308>309

Antes de as luzes baixarem na sala, música de piano: “Esperarei por ti”. Subir cortina.

O estúdio de JANÁČEK em Brno, Morávia. A decoração, móveis, cortinas, etc., deve ser tudo ao estilo dos anos vinte. Um espaço funcional para um homem solteiro. Um piano à direita. (Direita e esquerda do ponto de vista do público.) A mesa de trabalho do compositor e uma cadeira à esquerda. Algumas cadeiras ao longo da parede do fundo; serão utilizadas mais tarde pelos músicos. Duas cadeiras e duas estantes de música estão já em posição – uma cadeira para a violoncelista, colocada à frente do piano, e uma cadeira para o primeiro violino, colocada à frente da mesa de trabalho. Os quatro instrumentos – dois violinos, uma viola e um violoncelo – estão em cena. Em cima do piano, uma taça grande com folhas de alface. Uma jarra grande de água em cima de uma mesa pequena. JANÁČEK bebe da água dessa jarra frequentemente durante a noite. [Mais a jarra com as frésias.]

>>

JANÁČEK escreveu o seu Quarteto de Cordas n.º 2 – Cartas Íntimas, como ele lhe chamou – durante um período de três semanas entre Janeiro e Fevereiro de 1928. Estava então com setenta e quatro anos. Morreria a 12 de Agosto de 1928.

Torna-se claro que JANÁČEK já morreu há muito tempo. É importante que o personagem seja interpretado por um actor na casa dos cinquenta ou sessenta anos, mas ainda muito enérgico.

JANÁČEK está de pé junto do piano, ao lado do pianista, FILIPE, que acaba de tocar a peça de piano que estivemos a escutar (“Esperarei por ti”). JANÁČEK vira algumas páginas, faz sinal ao pianista para que comece a tocar outra peça – “Prometeste casar comigo”. JANÁČEK é um homem baixo, forte e vigoroso, com cabelo cinzento. Respira vitalidade. Fala rapidamente, a sua mente sempre a saltar impacientemente e com aparente ilogicidade de uma ideia para outra. Enquanto FILIPE toca, ANA LUÍSA arranja flores numa jarra. Ela é a violoncelo do quarteto. Está completamente à vontade nesta casa – o mesmo acontecendo com os restantes membros do quarteto.

- ANA LUÍSA Bonitas, não são?
- JANÁČEK Desculpa?
- ANA LUÍSA As frésias. Não são bonitas?
- JANÁČEK Lindas. São tuas?
- ANA LUÍSA Da outra Ana, a Ana Madalena. Ela é um génio com flores. Peça-lhe para o ajudar no jardim um dia destes.
- JANÁČEK Ela está cá?
- ANA LUÍSA Acabou de chegar. E o Lourenço também. Foi ao dentista.
- JANÁČEK Coitado. E ainda lhe apetece tocar?
- ANA LUÍSA Claro que sim. (*Olhando em volta – trabalho doméstico terminado.*) Ora vejamos. Aqui está a sua água fresca.
- JANÁČEK És uma santa.
- ANA LUÍSA É verdade. E a sua alface fresca – da Ana Madalena, também.
- JANÁČEK Um anjo.
- ANA LUÍSA Também é verdade. Talvez para a semana se possa lavar os tapetes.
- JANÁČEK Os tapetes estão limpíssimos. Quando é que tocam para mim?
- ANA LUÍSA Mais uns dez minutos. O Afonso está a fazer café. Também quer?
- JANÁČEK O café não me cai bem, Ana. Sabes isso, não sabes?
- ANA LUÍSA Tinha-me esquecido. Desculpe – desculpe. (*Enquanto sai.*) Sabia que o suporte da janela lá de dentro está partido?
- JANÁČEK A janela está muito bem como está, obrigado.
- ANA LUÍSA Eu posso arranjá-la.
- JANÁČEK Obrigado.
- ANA LUÍSA Não me custa nada.
- JANÁČEK Rua – rua!
- ANA LUÍSA Até já, Filipe. Tem paciência.
- FILIFE Até já. Obrigado.
- Ela sai. JANÁČEK continua a virar páginas e a dar indicações ao pianista para tocar. Avança para outra peça – “Naquele campo claro de Hurasky”.*
- Entra ANEZKA. É uma jovem ansiosa, intensa e aplicada. Usa óculos para ler. Tem vinte e muitos anos. É estudante na Universidade de Praga onde está a preparar uma tese de doutoramento sobre a obra dos últimos anos de JANÁČEK. Embora sinta uma profunda admiração pelo compositor, é muito inquisitiva nas suas perguntas. Como chegou tarde ao encontro, entra já a tirar o chapéu, o casaco e*

o lenço. Pode talvez sentar-se à mesa de trabalho, tirar os seus apontamentos da pasta e espalhá-los em cima da mesa. As cartas de JANÁČEK, às quais está sempre a fazer referência, estão numa pasta de cartão, grande, e com a parte de trás num verde brilhante muito intenso.

- ANEZKA Desculpe-me, Sr. Janáček, eu –
- JANÁČEK Outra vez atrasada.
- ANEZKA O que aconteceu foi que –
- JANÁČEK A segunda vez, Anezka.
- ANEZKA Eu sei. Lamento profundamente.
- JANÁČEK Qual foi a catástrofe desta vez?
- ANEZKA Uma falha de energia eléctrica em Praga. Os computadores ficaram todos paralisados. E por isso a rede de comboios ficou toda num caos. Não há comboios nenhuns de Praga para Pisek e a ligação entre Jihlava e Brno atrasou-se mais de uma hora –
- JANÁČEK Ouça. [*Faz sinal ao pianista para começar uma nova peça – “Um riacho corre”.*] O que foi isto?
- ANEZKA Peço desculpa. E ninguém nos informou quanto tempo é que ainda teríamos de –
- JANÁČEK (*Irritadamente.*) A peça – a peça – o que é?
- ANEZKA (*Imediatamente.*) “Um riacho corre” – da sua colecção de canções de amor da Morávia do século deza–
- JANÁČEK Exactamente. E isto? Ouça.
- Vira as páginas. Sinal ao pianista. Agora: “Naquela planície de Javorina”.*
- Então?
- ANEZKA (*Imediatamente.*) “Naquela planície de Javorina”.
- JANÁČEK (*Surpreendido.*) Exactamente, Anezka!
- ANEZKA Publicado por Hudebni Matice em –
- JANÁČEK Eu sei quando foi publicada, não acha? Vinte anos após eu ter sido enterrado, louvado seja Deus.
- Ele folheia as páginas. Enquanto isso:*
- Ainda não cumprimentou o Filipe.
- Dobra os dedos das mãos.*
- ANEZKA Olá, Filipe. Como estás?
- FILIFE Bem, obrigado, Anezka. Bem-vinda.
- ANEZKA Obrigada.

>>

- JANÁČEK Acha que está frio aqui?
- ANEZKA Eu por mim estou bem, obrigada.
- JANÁČEK Eu ligava o aquecimento, mas o fumo faz-me mal à asma. Terá de me desculpar, Anezka – Voltei a esquecer-me do seu apelido.
- ANEZKA Ungrova.
- JANÁČEK Claro. Anezka Ungrova, de Jihlava. Há algum homem na sua vida?
- ANEZKA (*Profundamente embaraçada.*) Não – não neste momento – bem, o que eu quero dizer é que não se pode dizer que haja exactamente um homem.
Ele considera a resposta por breves instantes.
- JANÁČEK Então o quê?
- ANEZKA O que eu quero dizer é que – não no sentido de alguém que –
- JANÁČEK Devia haver. É uma mulher atraente.
- ANEZKA Obrigada.
- JANÁČEK Muito atraente.
- ANEZKA Na verdade, houve alguém – há uns quatro anos – de Milão – um professor convidado de Estatística – Orlando –
- JANÁČEK (*Sem ouvir.*) Estatística. Lindo...
- ANEZKA Um homem muito baixinho – com uns olhos castanhos muito tímidos...
- JANÁČEK Não parece ser feio de todo...
- ANEZKA Ele costumava dizer que às vezes o confundiam com um anão – por ser tão baixinho.
- JANÁČEK Muito bem...
- ANEZKA Mas não era, claro – um anão. Era só... não alto. Ainda nos escrevemos durante para aí um ano depois de ele ter regressado a Itália. Todos os dias, pelo menos. Duas vezes ao dia, nalgumas ocasiões. Dezenas de cartas. Centenas. Depois, por alguma razão, tudo pareceu dissolver-se –
- JANÁČEK Devo ter passado anos a escrever estes esboços disparatados. (*Trauteia/canta.*) Uma espécie de gatafunhos musicais, não acha? Os Gatafunhos de Leoš Janáček. Está a pensar fazer-lhes alguma referência na sua tese? Uma nota de rodapé, talvez. As Garatujas de Leoš Janáček – Os Gargarejos de Leoš Janáček. Ah! E isto?
Vira mais umas páginas, faz sinal ao pianista para tocar: os com-

passos 38-84 do último andamento do Quarteto de Cordas em Fá Maior, op. 96, de Dvořák.

ANEZKA “Numa montanha escura”.

JANÁČEK Não.

ANEZKA É “O Anel Dourado”?

JANÁČEK Não.

ANEZKA Eu sei. É da sua ópera *Kátya Kabanova* –

JANÁČEK Da minha –? Louvado seja Deus, não!

ANEZKA Então não sei.

JANÁČEK É do Sr. Antonin Dvořák.

ANEZKA Não é nada! A sério?

JANÁČEK Vigoroso – como seria de esperar. Com demasiados temas populares, e muita saia rodada, para o meu gosto. >>

ANEZKA Há uma história segundo a qual o senhor teria encontrado o Dvořák na sua lua-de-mel e quando –

JANÁČEK Nunca adivinhará onde é que ele escreveu isto: num lugar chamado Spilville, Oh-hi-oh. Sim, sim!

ANEZKA E quando lhe apresentou a jovem Sra. Janáček, ele exclamou: “Deus seja louvado, Leoš, casaste com uma criança!”

JANÁČEK Qual criança! Quinze anos e meio, por amor de Deus! No mínimo! Encontra essa coscuvilhice na autobiografia da própria Sra. Janáček.

ANEZKA Sr. Janáček, eu hoje gostava de falar consigo sobre Kamila – se fosse possível – a senhora Stösslová – Kamila Stösslová –

JANÁČEK A Sra. Janáček era a maior fantasista de toda a Morávia. Tem de ser mais rigorosa com as suas fontes, minha jovem senhora.

ANEZKA E sobre a relação especial que estabeleceu com ela – com Kamila.

JANÁČEK Um milionário americano pagou duzentos mil dólares aos herdeiros do Dvořák por apenas seis dos seus manuscritos. Não é espantoso? E isto há oitenta anos atrás!

ANEZKA Todos os seus biografos escreveram sobre essa relação com a senhora Stösslová como uma das grandes histórias de amor do século XX.

JANÁČEK Não obstante, um grande, grande compositor eslavo. Talvez o melhor de todos nós. Certamente o mais amado. Mas isso não é exactamente a mesma coisa, pois não?

- ANEZKA *(Insistindo)* Escreveu-lhe dezenas de cartas, Sr. Janáček. Centenas. E cartas muito apaixonadas, na verdade.
- JANÁČEK E devia ter ouvido o *Requiem* dele no meu serviço fúnebre. Foi em... Agosto. No antigo Teatro da Ópera onde eles me tinham posto de corpo presente. Uma expressão curiosa, esta – “de corpo presente” –, não acha?
Dobra os dedos da sua mão direita.
- ANEZKA Era sobre essas cartas que eu hoje gostaria de falar consigo, Sr. Janáček – se não se importasse. Especialmente as cartas que lhe escreveu quase no final da sua vida quando estava a trabalhar no seu segundo quarteto de cordas.
- JANÁČEK O que se passa com esta gente?
Vai até à porta e grita.
Está aí alguém? *(Para ANEZKA.)* Tenho de fazer qualquer coisa para combater esta artrite. Os nós dos meus dedos já estão a começar a inchar. Cenouras cruas, talvez?
ANA LUÍSA *entra.*
- ANA LUÍSA Temos ali café acabado de fazer – eu sei, Maestro.
- JANÁČEK Bem, quando por acaso vos apetece tocar uma musiquinha...
- ANA LUÍSA Não nos apresse. Estamos a preparar-nos psicologicamente.
- JANÁČEK “A preparar-nos psicologicamente –!” Esta é a Anezka. Ana Luísa. Anezka – Anezka – *(Bate na testa.)* Foi-se!
- ANEZKA Ungrova.
- JANÁČEK Claro. E esta é a Ana, a violoncelo do nosso quarteto.
- ANA LUÍSA Olá – olá.
- ANEZKA Olá – olá.
- JANÁČEK E para além de ser uma consumada violoncelista, a nossa querida Ana tem também um extraordinário talento doméstico – é uma verdadeira fada do lar, uma espécie de faz-tudo.
- ANEZKA A sério?
- JANÁČEK Pelo menos é o que ela acha. Eles vêm para aqui tocar de vez em quando – só por graça. E a muito persistente menina Ungrova está a fazer uma tese sobre as obras que eu escrevi nos meus últimos anos de vida.
- ANA LUÍSA Muito bem!
- ANEZKA Estou concentrada num único ano – 1928.
- ANA LUÍSA O ano do seu segundo quarteto de cordas, Maestro – certo?

ANEZKA É precisamente sobre isso que tenho estado a trabalhar – o Quarteto!

ANA LUÍSA Muito bem! Parabéns.

JANÁČEK Não foi um mau ano, pois não?

ANEZKA Foi também o ano em que morreu.

JANÁČEK A Anezka tem o seu próprio modo, um pouco inconveniente, de classificar os acontecimentos. Quando é que vocês acham que estarão “psicologicamente preparados”?

ANA LUÍSA Mais uns dez minutos no máximo, Maestro. Pode ser?

ANA LUÍSA *pega no seu violoncelo. Delicadamente, os seus dedos roçam pelas quatro cordas – sim, estão afinadas.*

Posso? >>

E, imediatamente, toca os primeiros nove compassos do primeiro andamento do Quarteto de Cordas n.º 2.

Mal ela acaba de tocar esses nove compassos, JANÁČEK faz sinal ao pianista para tocar os mesmos nove compassos. Depois, quando o pianista acaba, ANA LUÍSA repete os mesmos nove compassos.

ANA LUÍSA *(Para ANEZKA, enquanto toca.)* A abertura do Quarteto.

ANEZKA Sim, o *andante*.

ANA LUÍSA “Eu sou senhor do meu destino”: é o que isto me diz.

ANEZKA *(Lendo da pasta verde.)* “Terminei agora o primeiro andamento e é todo sobre o nosso fatídico encontro e o modo como instantaneamente me fizeste teu escravo –”, carta do Sr. Janáček para Kamila, datada de 1 de Fevereiro de 1928.

ANA LUÍSA *(Indiferente.)* Então lá se vai a minha teoria, não é?

JANÁČEK *(Para ANA L.)* Ela está sempre a fazer estas citações ridículas. *(Para ANEZKA.)* Inventa-as, não é, Menina Ungrova?

ANEZKA Isto foi retirado dos seus próprios manuscritos, Sr. Janáček.

ANA LUÍSA Avancemos. E isto?

ANA L. *começa a tocar a sequência da “canção de embalar” do terceiro andamento.*

ANEZKA A sequência da “canção de embalar”! Do terceiro andamento, o *moderato*! Acertei?

JANÁČEK Com esta, tens de ter muito cuidado, Ana.

ANA LUÍSA Estou a ver que sim!

ANEZKA “Um escravo, sim, mas um escravo feliz, divinamente feliz. Não há palavras que exprimam um encontro como aquele. Por

- isso eu falo sobre ele no *andante*".
- JANÁČEK A Anezka perdeu o comboio esta manhã – uma falha de electricidade na estação central de Praga. E por isso o computador sofreu um colapso.
- ANA LUÍSA É de Praga?
- ANEZKA Jihlava. Fica entre Pisek e Brno.
- JANÁČEK Porque não tocam aqui, Ana? A acústica é melhor. Mas está um bocado frio, não está?
- ANA LUÍSA Não acho. (*Preocupação trocista.*) Mas é melhor não correr riscos, com esse seu peito. (*Para ANEZKA.*) Ele não é muito robusto.
- JANÁČEK Ana!
- ANA LUÍSA As minhas desculpas, Maestro.
- ANEZKA Posso beber um café?
- ANA LUÍSA Claro que sim. Vamos só aquecer um bocadinho antes de nos juntarmos a vocês.
- JANÁČEK Adoro tê-los por aqui. Enchem a casa de vida.
- ANA LUÍSA Talvez eu consiga arranjar esse computador que se avariou?
- JANÁČEK Rua! (*Ana Luísa sai com o violoncelo.*) É tremenda, esta Ana. *Pausa. Depois, numa investida embaraçada, mas determinada –*
- ANEZKA Sr. Danáček, eu gostava mesmo de falar consigo sobre estas (cartas) –
- JANÁČEK Danáček?
- ANEZKA Oh, meu Deus – desculpe-me, Sr. Janáček – conseguiu baralhar-me – peço-lhe desculpa –
- JANÁČEK Já agora, chame-me... Sr. Gatafunho?
- ANEZKA Pois – tem muita graça – sim – mas não acha – antes de os músicos se juntarem a nós – será que concordaria em conversar um pouco sobre a relação entre o seu quarteto e as cartas de amor que escreveu à senhora Stösslová, justamente quando estava a trabalhar na composição do quarteto – ou acha isso um pouco intrusivo demais – talvez?
- JANÁČEK Um pouco grosseiro demais – talvez? Um novo musical veio a Brno nesse mesmo mês de Janeiro de 1928. "No, No, Nanette". E tinha uma canção chamada (canta) "Eu quero ser feliz, mas não vou ser feliz". Mais parecia uma espécie de hino evangélico. Seja como for, meses depois da companhia se ter ido embora, era isso o que toda a gente em Brno cantava. E não

uma das muitas canções de Leoš Janáček, receio bem.

ANEZKA Questionei-me muito sobre isto, Sr. Janáček: será isto uma área de exploração honesta ou só uma curiosidade grosseira? E cheguei à conclusão de que é completamente honesta.

JANÁČEK Muito bem questionado. Parabéns.

ANEZKA Sim, porque tem de existir uma relação entre a vida privada e a vida pública, Sr. Janáček.

JANÁČEK Ah, sim?

ANEZKA Oh, sim. Não acha? E eu estou convencida de que não é possível termos uma correcta apreciação do quarteto a menos que *todas* as circunstâncias da sua composição sejam levadas em conta – o que tem de incluir uma análise do seu estado emocional naquela altura – e estas cartas fornecem-nos dados muitos significativos sobre isso.

JANÁČEK Não terá sido este tipo de inquirição pormenorizada que assustou o seu pequeno estatístico? – (*Imediato arrependimento.*) As minhas desculpas.

ANEZKA Na verdade, isso é o núcleo da minha tese, Sr. Janáček: a relação entre a composição daquela obra e as cartas apaixonadas de um homem de setenta e quatro anos a uma mulher quase quarenta anos mais nova do que ele – uma mulher casada e com dois filhos ainda novos – e o que eu espero demonstrar é que a sua paixão por Kamila Stösslová teve certamente um efeito determinante na composição daquele quarteto e, na verdade, em toda aquela notável explosão de energia criativa no fim da sua vida, apenas seis meses antes da sua morte! Muito provavelmente foi mesmo isso que a causou, Deus me perdoe!

JANÁČEK Conhecida pela ralé como a erecção final do condenado ao subir para o cadafalso. E esse “apenas seis meses antes” – será mesmo necessária essa contagem perversa?

ANEZKA E tentarei mostrar que quando escreveu este quarteto – “*Cartas Íntimas*” – o título é seu, quando estava completamente apaixonado por ela – a minha tese demonstrará que o seu segundo quarteto de cordas é um exemplo paradigmático de uma grande obra de arte inspirada por uma grande paixão e provará que essa obra é a apoteose triunfante de toda a sua vida criativa.

JANÁČEK Meu Deus!

>>

- ANEZKA E pretendo estabelecer alguns paralelos entre a sua história e a história de outras paixões clássicas – Dante e Beatriz – Petrarca e Laura – e tenho de lhe confessar, Sr. Janáček – tenho de lhe dizer que é uma história que me parte o coração em minúsculos fragmentos e, ao mesmo tempo, o eleva às alturas mais exultantes.
- JANÁČEK Pobre coração abusado!
- ANEZKA (*Procurando entre as cartas.*) Seja paciente comigo só mais um segundo, Sr. Janáček, por favor. “Acabei agora o adágio” – é o segundo andamento –
- JANÁČEK A sério?
- ANEZKA Exactamente. “E é todo sobre ti, meu sol, minha galáxia de estrelas, e como o nosso primeiro encontro pôs a minha alma em chamas com as mais refinadas melodias. E esta será a *nossa* composição porque está marcada pela nossa paixão, e o nosso amor mútuo elevá-la-á em glória até aos céus”.
- JANÁČEK Juntamente com o seu coração abusado.
- ANEZKA Depois, quando começa o terceiro andamento –
- JANÁČEK O *moderato*.
- ANEZKA Exactamente, Sr. Janáček – escreve uma carta para lhe falar da canção de embalar que está a entretecer no andamento – a Ana Luísa tocou-a agora mesmo – um assombroso tema quase em filigrana repetido duas vezes – “porque eu queria sugerir a ideia de maternidade” – é uma coisa muito recorrente – a maternidade – a ideia de Kamila grávida com um filho da vossa paixão – “para que a obra seja vista como a consumação de todos os nossos desejos”. Um delírio um pouco freudiano – desculpe-me –, mas muito, muito comovente.
- JANÁČEK Ao menos isso. Agora respire fundo e ouça bem isto, Anezka.
- ANEZKA Depois, quando chega ao andamento final –
- JANÁČEK O *allegro*.
- ANEZKA Exactamente, Sr. Janáček – escreve então a Kamila: “O último andamento está carregado de energia e de desafio. Mas é um andamento sem medo; simplesmente um imenso anseio e algo como a resposta a esse anseio”. Não percebo muito bem o que quer dizer com este “desafio”.
- JANÁČEK (*Calmamente.*) Ouça.

ANEZKA Escute, escute. "Vou chamar à obra *Cartas Íntimas*. E ao escrevê-la, estremeci com uma tal alegria, uma tal felicidade, que cada compasso é uma proclamação do meu desejo por ti, porque toda a minha vida criativa pulsa por tua causa".

JANÁČEK Permite-me, Anezka?

ANEZKA Escute, escute. "Porque tu, Kamila, Kamila, meu amor, tu és a minha verdadeira essência e sem ti eu não consigo existir". A obra e a vida. Inextrincáveis. Indistinguíveis. Idênticas! (*Sua-vemente.*) Desculpe-me, Sr. Janáček. Eu sei que fico um pouco... Mas é que acho isto tudo tão...

JANÁČEK Ouça.

ANEZKA Desculpe.

JANÁČEK Isto foi a última coisa que eu escrevi. (*Vira mais umas páginas no piano.*)

ANEZKA (*Entusiasmada outra vez.*) Na sua casa de férias! Em Hukvaldy!

JANÁČEK Em Hukvaldy.

ANEZKA O Senhor e a Kamila estiveram lá sozinhos – finalmente!

JANÁČEK Sim, é verdade, estivemos. [*Faz sinal ao pianista para começar a tocar: "Esperarei por ti".*] Um período de frenesim. De violência mesmo. Desespero também. E, depois, quando todo aquele tumulto estava prestes a esmagar-me – uns escassos minutos de uma súbita paz – não mais – uma amnistia enviada lá de cima, talvez; e este fragmento apareceu-me, como um pequeno cacho melódico. Trivial, eu sei. Mas recordo-me de colocar estas notas límpidas na página com um tal cuidado, uma tal delicadeza, tão grande era a sua aparente fragilidade. E lembro-me de pensar: uma simplicidade como esta, uma inocência como esta, isto é mais próximo do coração, não é? – Isto é o que deverias ter ouvido toda a tua vida e não só agora neste final frenético. Há mesmo como que uma suspensão a meio da frase. Escute. (*Ele pede ao pianista para repetir: "Esperarei por ti"*) Quase com expectativa, como se estivesse a suspender a respiração à espera de uma qualquer conclusão. E lembro-me de pensar: se pudesse cantar, talvez Adão tivesse cantado algo como isto à sua Eva. (*Ri-se.*) Ou talvez, Anezka, talvez não fosse simplicidade nenhuma. Talvez nessa altura o velho compositor estivesse finalmente cediço. E chamou-lhe "Esperarei por ti".

>>

Um título tolo, porque naquela altura já o seu tempo se tinha esgotado.

ANEZKA Não, não, está enganado. Não morreu por –

JANÁČEK Horrível outra vez? Tem razão, claro: ele amou-a.

ANEZKA Mais de setecentas cartas, Sr. Janáček. Eu sei muito bem.

JANÁČEK Adorava-a – pelo menos era disso que estava convencido.

ANEZKA Que pena Kamila ter insistido para o Senhor destruir a maior parte das cartas que ela lhe escreveu.

JANÁČEK *levanta-se de um salto. Mostra-se novamente animado.*

JANÁČEK Sempre vigilante do seu bom-nome. Uma escrava da tirania das pequenas cidades. Seja como for, escrever cartas – por amor de Deus, escrever uma lista de mercearia – punha-a em pânico. (*Sussurra.*) Aqui entre nós – praticamente analfabeta. (*Alto.*) Quanto à minha música, aquilo que eu estava a tentar alcançar – completamente além da sua sensibilidade. O que tem de perceber é que a senhora Stösslová era uma mulher de uma decidida... vulgaridade. E ele um verdadeiro porco, não acha!?

ANEZKA Eu só sei que a amava.

JANÁČEK Mas é isso que está a passar pela sua cabeça, não é? Que todos os artistas são uns aproveitadores? Quando fico sentado muito tempo, começo a sentir uma dor nesta perna... Problemas nas artérias. Foi onde tudo começou (*coração*). Sirva-se de alface. Vivo à base de alface e água desde aquele ataque de zona. Uma receita milagrosa. Mas porque é que esta gente se demora tanto? *Entram AFONSO e ANA MADALENA, ambos rindo.* ANA MADALENA *traz consigo uma chávena de café.*

AFONSO Aqui estamos. Olá, Filipe.

FILIFE Olá, Afonso. Olá, Ana.

ANA M. Olá.

AFONSO Vocês não vão acreditar no que esta mulher acabou de dizer.

ANA M. Só disse a verdade.

AFONSO “Com a minha técnica de arco perfeita e o meu cabelo maravilhoso, qualquer quarteto no mundo mataria para tocar comigo”.

ANA M. Diga-lhe que é verdade, Maestro.

JANÁČEK Completamente verdade, Afonso.

AFONSO Ela está mas é louca! Deve andar a tomar qualquer coisa! Andas a tomar o quê, Ana?

ANA M. Para quem é o café?
ANEZKA Para mim, acho eu. [ANEZKA vai buscar o café.]
JANÁČEK Anezka, de Jihlava.
AFONSO A Ana contou-nos. É a doutora.
ANEZKA Ainda não, infelizmente. Tudo depende do que eu conseguir fazer com isto (*as cartas*).
JANÁČEK O Afonso é o primeiro violino e a Ana Madalena a segundo violino. Obrigado pelas frésias, Ana. E pela alface. Magnífica.
AFONSO Olá – olá – olá.
ANA M. Olá – olá – olá.
ANEZKA Olá – olá – olá.
ANA M. Já cá estamos todos. O Lourenço já voltou do dentista.
JANÁČEK E está bem?
ANA M. Um bocadinho piegas, mas está óptimo.
AFONSO (*Privadamente, para ANEZKA.*) Eu dei-lhe uma vodca reforçada.
AFONSO *pega no violino.*
Posso?
Executa os primeiros onze compassos da abertura do segundo andamento, o adágio.
JANÁČEK (*Para ANEZKA.*) O início do segundo andamento.
ANEZKA O adágio.
JANÁČEK Exactamente.
AFONSO (*Para ANEZKA.*) O cabelo dela é adorável, não acha?
ANA M. Pára com isso, Afonso!
JANÁČEK Eu digo-te o que deves fazer, Afonso. Avança para aquelas seistinas – aquela anotação do *flautato* – e vamos ver se a nossa Doutora é tão esperta como parece. (*Para ANEZKA.*) Registei estas sonoridades no meu livro de apontamentos, um dia quando andávamos a passear no bosque – sim, em Hukvaldy.
AFONSO *toca o flautato.*
A Kamila identificou a canção imediatamente. Ela era muito boa com pássaros. Então?
ANEZKA Então o quê?
JANÁČEK Que pássaro é que é?
ANEZKA (*Imediatamente.*) Um rouxinol.
AFONSO Muito bem, Anezka.
JANÁČEK Um rouxinol de luto, um rouxinol lamentando-se.

>>

- ANA M. *toca a mesma figura de flautato – mas de forma muito lenta e algo entorpecida.*
- ANA M. E isto, Maestro?
- JANÁČEK *(Para ANA MADALENA.)* Muito bem, o que é?
- ANA M. O mesmo rouxinol de luto, mas já com um grãozinho na asa.
- JANÁČEK *(Para ANEZKA.)* Eles de vez em quando também gostam de fazer o seu número de comediantes.
- AFONSO Não se preocupe com o Lourenço, Maestro. Aquilo foi só uma consulta de rotina.
- ANA M. Coitado, ele está para ali cheio de dores, Afonso!
- AFONSO É só nervos. Ele já na passada segunda-feira estava cheio de medo.
- JANÁČEK Rua – rua – rua!
Saem com os seus instrumentos.
- JANÁČEK Filipe, também podes ir. Hoje já não devo precisar mais de ti. Obrigado.
- FILIFE Então adeus, Maestro. Adeus, Anezka. Boa sorte.
- ANEZKA Bem preciso. Obrigado.
FILIFE *sai.*
- JANÁČEK Onde é que eu estaria sem a companhia deles? São o meu grupo de suporte à vida.
JANÁČEK pega nas folhas de música colocadas no piano e apressa-se a arranjá-las. ANEZKA dirige-se para ele com a pasta verde.
- ANEZKA Posso voltar a isto, Sr. Janáček?
- JANÁČEK Desculpe?
- ANEZKA Às cartas – o seu segundo quarteto.
- JANÁČEK Estas composições *(para piano)* só foram devidamente catalogadas muitos anos depois da minha morte.
- ANEZKA E dizem-nos tanto sobre os seus métodos de trabalho.
- JANÁČEK Foi quase cinco anos depois do primeiro quarteto e eu lembro-me de me sentir aterrado por ter outra vez de lidar com aquela arquitectura tão complexa, provavelmente a mais intrincada arquitectura que o homem é capaz de conceber.
- ANEZKA Mas não lhe associa nenhuma espécie de terror.
- JANÁČEK Aquele labirinto de melodias entrelaçadas; encontrar a exacta interacção de sentimentos e de sentidos; alcançar o equilíbrio exacto entre uma afirmação e a sua qualificação, talvez mesmo

- a sua negação. Por amor de Deus, acha que ela teria percebido alguma coisa disto?
- ANEZKA Mas escreve-lhe repetidas vezes sobre a alegria e o entusiasmo da composição.
- JANÁČEK Escrevi aquilo que ela seria capaz de compreender.
- LOURENÇO *entra, segurando um lenço contra o maxilar.*
- LOURENÇO Desculpem – desculpem – desculpem – não posso falar – peço as vossas desculpas –
Pega na sua viola.
- JANÁČEK Estás bem, Lourenço?
- LOURENÇO Estou – obrigado – ótimo – ótimo – a sério – volto já –
Saiu, com a viola.
- JANÁČEK O Lourenço é o nossa viola. Provavelmente isto é mesmo só nervos. O que lhe parece?
- ANEZKA Provavelmente, sim. As cartas, Sr. Janáček; o segundo quarteto de cordas.
- JANÁČEK O segundo quarteto de cordas. Enfrentando aquela montanha outra vez? – claro que estava aterrado. E depois ainda havia aquele outro medo: terá este meu corpo de setenta e quatro anos a energia necessária para acompanhar esta outra aqui (*cabeça?*) – Para controlar este tumulto?
Fora de cena, o quarteto começa a tocar o segundo quarteto de cordas desde o início.
- Lá vão eles. “Senhor do meu destino” – não, não me parece que seja isso que isto diz. Parece-me mais uma tentativa de superação dos nossos próprios terrores, não acha?
- ANEZKA (*Lê.*) “Hoje o Quarteto de Cordas da Morávia veio tocar os primeiros dois andamentos. A primeira vez que o meu segundo quarteto foi tocado! Eu senti-me muito nervoso. Mas eles estavam tão entusiasmados. Insistiram que nunca tinham tocado nenhuma música igual àquela”. 18 de Maio, exactamente três meses antes da sua morte.
- JANÁČEK (*Para si próprio.*) Porque é que o raio da mulher está sempre a insistir nisto?
- ANEZKA “Acho que não sou capaz de escrever nada de mais profundo ou de mais verdadeiro do que isto. Este quarteto poderia muito bem ter sido arrancado da minha própria carne”.

>>

- JANÁČEK Eu nunca escrevi semelhante coisa!
- ANEZKA “Antes disto, eu compunha com base em emoções recordadas, a partir de sentimentos recuperados na mais perfeita das tranquilidades”.
- JANÁČEK Isso é verdade. (*Ri-se.*) Devo ter roubado essa frase a algum poeta inglês. Cujo nome agora se me varreu, também.
- ANEZKA “Mas com este quarteto, as minhas *Cartas Íntimas* para ti, meu amor, eu compus a partir de sentimentos vividos directa e intensamente. Isto foi composto no fogo saído da fornalha que é o nosso grande amor”.
- JANÁČEK (*Escutando.*) Até não está mal, pois não?
- ANEZKA E dois dias mais tarde: “E que te posso eu dizer do grande amor que inspirou esta obra? É um fogo que ferve como vinho forte”
-
- JANÁČEK “Ferve como vinho forte”! — Deus meu!
- ANEZKA “E de onde vinha, esta chama inextinguível?”
- JANÁČEK Wordsworth, William Wordsworth — “emoções recordadas”! Onde é que eu terei lido isto?
- ANEZKA “Dos teus olhos profundos e enigmáticos; de cada curva do teu corpo único; do brilho do teu resplandecente cabelo negro”.
- JANÁČEK Curioso. Porque será que me recordo dele como cor de rato?
- ANEZKA E mais tarde, nesse mesmo dia: “Uma peça chamada *Cyrano de Bergerac* estreou aqui em Brno na semana passada. É sobre um homem que derrama a sua paixão pela mulher que ama numa série de cartas de amor. E no último acto morre de uma ferida mortal. Será esse o meu destino?”
- JANÁČEK Errado no pormenor. Não foi de uma ferida. Mas de uma aorta doente. Já lhe disse — começou aqui (*bate na perna*). Depois para-gem cardíaca. (*Escutando.*) Meus Deus, eles são mesmo bons!
- ANEZKA Na verdade, de acordo com o relatório do médico legista... Aquilo de que se fala aqui é de uma pneumonia —
- JANÁČEK Anezka, minha querida, ficaria a saber muito mais se simplesmente ouvisse a música.
Silêncio. Escutam a música.
Eu disse que não era má? É excelente.
- ANEZKA No dia em que o Quarteto de Cordas da Morávia tocou os primeiros dois andamentos — aqui nesta sala — escreveu a Kamila que

JANÁČEK eles tinham ficado “completamente desconcertados” pela obra.
“Completamente desconcertados” – “arrancado da minha própria carne” – “ferve como vinho” – isso são tudo invenções suas, não são?

ANEZKA Está tudo aqui.

JANÁČEK Graças a Deus que a minha primeira linguagem foi a música. Além de que é uma linguagem muito mais exigente.

ANEZKA Ah, sim?

JANÁČEK Oh, sim. Porque nós tentamos alcançar esse mundo amorfo do sentimento e cantar o que ouvimos na linguagem do próprio sentimento; um vocabulário único de sons criados pelo próprio sentimento.

ANEZKA Foi precisamente isso que conseguiu fazer, Sr. Janáček.

JANÁČEK As pessoas que regateiam palavras limitam-se a relatar o sentimento. Nós *dizemos* o sentimento. Recordo-me que quando acabei o quarteto pensei mesmo que – sim! – daquela vez, eu tinha resolvido o grande paradoxo: tinha criado algo que me era singular, unicamente meu, com a marca do meu espírito, só meu; e ao mesmo tempo algo que conquistava uma nova vida em cada ouvinte que estivesse atento e disponível para a sua estranha individualidade, a sua arrogância e até mesmo as suas hesitações. (*Ri-se.*) Vaidade. É a isto que conduz a distância: clareza. Também há-de aprender isso com o tempo, Anezka. Garanto-lhe.

ANEZKA Sr. Janáček, eu gostava de o questionar sobre uma carta em particular.

JANÁČEK De certeza que não sente frio?

ANEZKA Estou ótima. Datada de 9 de Julho de 1924. Alguns dias após o seu septuagésimo aniversário. É-me permitido citá-la?

JANÁČEK Eu posso acender a lareira.

ANEZKA É uma das poucas cartas de Kamila para si que sobreviveram. Se me é permitido.

JANÁČEK Porque será que esse seu humilde “se me é permitido” me põe sempre de pé atrás? (*Escuta.*) Trabalhar com músicos deste calibre é sempre tão satisfatório para um compositor.

ANEZKA Tinha passado a noite em Pisek com o marido dela, o David, e ela própria – recorda-se disso?

>>

- JANÁČEK Continue.
- ANEZKA “Fiquei muito feliz de o ver e de o ouvir e eu e o David, nós os três, estávamos todos tão felizes, divertimo-nos tão inocentemente todos juntos, o piquenique foi tão adorável, que o tempo passou a voar, não foi?”
- JANÁČEK Que passeio escolar tão divertido. (*Escuta.*) Meu Deus, eles têm mesmo talento.
- ANEZKA “E pensar que já houve um tempo em que eu não queria sequer falar consigo e agora estou aqui a escrever-lhe, quando devia estar a engomar as camisas do meu David – oh, meu Deus”.
- JANÁČEK “Oh, meu Deus”. Oh, Jesus!
- ANEZKA E ela termina com esta – esta – isto talvez seja um pouco insensível – Não, não é importante.
- JANÁČEK Leia.
- ANEZKA Não, não tem nada a ver com –
- JANÁČEK Por amor de Deus, leia.
- ANEZKA “E é tudo muito inocente porque o senhor podia ser meu pai, não, estou errada, podia ser o meu avô, e é por isso que o meu David lhe chama sempre Avô Jana para os miúdos se irem, e acha que eu alguma vez lhe escreveria se não fosse um homem já velho, porque se não fosse, o meu marido, o David, poria certamente fim a tudo isto muito rapidamente e...”
- Um pouco canhestra a maneira como ela... Claro que o ama. Mas lembra-lhe que é uma mulher casada com dois filhos e talvez esteja a sugerir, também – tão delicadamente quanto é capaz – que talvez não esteja apaixonado por ela, mas por uma Kamila imaginada, uma imagem dela que o próprio Sr. Janáček criou. Eu sei que ela não tem a intenção de o magoar. É só um modo desajeitado de se exprimir. Eu sei muito bem como isso pode facilmente acontecer. E todos os arrependimentos que depois isso provoca. O próprio Sr. Janáček disse que ela não tinha talento para passar os pensamentos dela para o papel.
- JANÁČEK Pensamentos de mercearia – quando muito.
- ANEZKA O que importa é que conseguiu absorver tudo isso porque o seu amor por ela foi tão – tão copioso. Isso é que é verdadeiramente importante. Isso, eu sei.
- JANÁČEK O que está a sugerir – não muito delicadamente – é que eu me

portei como um velho ridículo?

ANEZKA Um –? Oh, Meu Deus, não, Sr. Janáček! De modo algum! Completamente o oposto! Sim, sim, porque o que ela diz é: é melhor abrandar – cuidado – podem surgir algumas dificuldades. E como é que o senhor reagiu? Com um jorro de cartas ainda mais apaixonadas! Repetidas declarações da sua devoção eterna. Um imenso dilúvio de amor! E isso deve ter sido tão animador para ela! Foi uma atitude tão corajosa, tão fiel da sua parte! Eu acho que a sua reacção foi simplesmente nobre, Sr. Janáček. Acho que a sua atitude foi... augusta.

Cobre o rosto com as mãos, num profundo embaraço pela sua explosão.

Desculpe. Não tenho o direito de lhe falar deste modo.

JANÁČEK *permanece muito quieto, escutando a música.*

Pausa.

Desculpe-me.

JANÁČEK Isto não é imagem nenhuma. É a coisa em si, verdadeira.

ANEZKA O que eu estava a tentar dizer –

JANÁČEK A coisa alcançada. A aspiração preenchida. Tudo o que encontra nessas páginas balbuciantes não passa da expressão de sonhos de música, desejos de ver materializados os sons sonhados na cabeça dele. E nessas páginas balbuciantes, essas aspirações – esses desejos – ou sonhos – são transferidos para uma jovem mulher perfeitamente decente, é verdade, mas com uma educação muito deficiente. E, com o tempo, a diferença entre os seus sonhos e essa jovem mulher tornou-se indistinguível e, por isso, na cabeça dele, ela foi-se transformando em algo incomensuravelmente maior – de uma importância infinitamente maior – do que a modesta jovem mulher que ela, de facto, era. Na verdade, com o tempo, ele acabou por ver nela – milagrosamente – a coisa em si alcançada! A música na cabeça tornada real, verdadeira, carnal! Acabou por não distinguir entre a música do sonho e a mulher de sonho! Que velho mais disparatado. (*Escuta, sorrindo, a música interpretada fora de cena.*)

ANEZKA (*Choque total.*) Está a brincar comigo, Sr. Janáček – não está?

JANÁČEK A propósito, ele nunca a possuiu – não que isso interesse. E aquilo (*a música lá fora*) foi o mais próximo que ele alguma vez esteve dos sons sonhados na sua cabeça. Mas por se ter aproxi-

>>

mas tanto, acho que a Kamila merece algum reconhecimento... "talvez"?

ANEZKA Não pode estar a querer dizer que –

JANÁČEK E não é surpreendente que ele a tenha amado, pois não? Afinal de contas, ele inventou-a como expressão do que havia de melhor nele, não acha?

ANEZKA (*Incrédula.*) Oh, Sr. Janáček, o Senhor –

JANÁČEK Olhe para esse seu rosto de desaprovação! Sim – sim – sim – um verdadeiro porco, eu sei.

ANEZKA (*Pergunta verdadeira.*) Como é que se atreve, Sr. Janáček? Como é que se atreve?

328>329

JANÁČEK Ainda ninguém lhe disse que anda muito pálida? Faça uma dieta de alface. É mais do que restauradora – é regeneradora. A propósito, uma pequena pepita para a sua tese: escrevi dezenas de canções de embalar. Nenhum dos meus biógrafos sabe isso. Comecei logo a seguir ao nascimento do meu filho – o Vladimir.

ANEZKA Eu adorava-o, Sr. Janáček: é de tal modo dotado, de uma forma tão única, tão excepcionalmente privilegiado, que eu acreditava verdadeiramente que era um... escolhido.

JANÁČEK Chamávamos-lhe Vladicek – ao meu filho. Um nome carinhoso. Morreu pouco antes de fazer dois anos. E todos os anos, durante as quatro décadas seguintes, escrevi-lhe uma canção de embalar no dia do seu aniversário. Que depois queimava. As canções de embalar tendem a ser muito sentimentais, não acha?

ANEZKA E o que acabou de dizer deixa-me completamente – completamente – estarecida.

JANÁČEK A sério?

ANEZKA O que acabou de dizer sobre Kamila – eu sou obrigada a manifestar o meu desacordo muito veemente, Sr. Janáček.

JANÁČEK Deus meu.

ANEZKA Subitamente, aqueles três anos transformaram-se em... vapor.

JANÁČEK Já terminámos, não já?

ANEZKA Sim, já.

JANÁČEK Devia retomar a correspondência com esse seu pequeno estatístico italiano. Dou-lhe uma sugestão: crie uma imagem na cabeça de um sueco alto e louro.

ANEZKA (*Furiosa, mas controlada.*) O que acabou de dizer sobre Kamila

foi uma coisa horrível de se dizer, Sr. Janáček.

JANÁČEK Acha?

ANEŽKA Que transformou uma jovem mulher sem qualquer sofisticação em algo "incomensuravelmente maior, infinitamente mais importante". Como é que se atreve, Sr. Janáček?

JANÁČEK (*Inocentemente.*) Mas foi o que eu fiz, não foi? Só na minha cabeça, claro.

ANEŽKA Cruel, impiedoso e profundamente misógino.

JANÁČEK Terei de lhe pedir desculpa outra vez.

ANEŽKA Porque eu posso assegurar-lhe que a autora destas cartas se revela sempre a jovem mulher digna e "perfeitamente agradável" que sempre foi, apesar das suas investidas contra a vida dela. >>

JANÁČEK (*Um susto trocista.*) Investidas?

ANEŽKA Bilhetes – presentes – as visitas de surpresa – o incessante bombardeamento com cartas que devem ter deixado a cabeça dela completamente aturdida. Até que ela acabou por se sentir lisonjeada pela atenção do famoso compositor e, claro, reagiu. Mas seria igualmente lisonjeador ser encarada como uma "imagem" ou uma música de sonho tornada "carnal"?

JANÁČEK Para usar a sua elegante frase – como é que era – mais delírios freudianos?

ANEŽKA Não tenho competência para falar do seu processo criativo e esta é a única linguagem que eu domino para falar do que conheço muito bem, intimamente até. Mas acredito que amou Kamila Stösslová até certo ponto – ou pelo menos tão generosamente quanto a sua vida tão auto-centrada lhe possa ter permitido. Porque é isso que as suas cartas proclamam, Sr. Janáček, explícita e repetidamente.

JANÁČEK Eu acho que eu próprio disse isso, não disse?

ANEŽKA E também acredito que ela o amou tão inteira e generosamente quanto as convenções da sua existência lhe permitiam – as "tirantias", se preferir.

JANÁČEK Mas Dante e Beatriz? Dificilmente!

ANEŽKA E excluir esse amor da história das vossas vidas ou falar dele simplesmente como uma metáfora para o seu processo de composição, isso diminuí-o, Sr. Janáček, e vai contra a imensa amplitude do quarteto. Claro que ele triunfa sem estas páginas

- balbuciantes. Mas conhecê-las enriquece a nossa intimidade com a obra e o modo como nos “disponibilizamos” para ela.
- JANÁČEK Nunca achei a vida assim tão importante. Entreguei-me à perfeição da obra. Terei feito a escolha errada?
- ANEZKA Treta.
- JANÁČEK Claro.
- ANEZKA E no seu coração esmaecido sabe que é treta. E atrevo-me a sugerir-lhe, se me é permitido, que escute a música outra vez. E desta vez com toda a abertura de espírito e simplicidade que afirmou um dia ter buscado tão empenhadamente, e estou certa de que também conseguirá escutar esse amor.
- Os quatro membros do quarteto entram com os seus instrumentos.*
- ANA L. Decidimos tocar os dois últimos andamentos aqui, Maestro. O que lhe parece?
- JANÁČEK Porque não? Como te sentes, Lourenço?
- LOURENÇO Bem, obrigado.
- AFONSO Está só a ser corajoso. Ele fez uma consulta de rotina *muito* rigorosa. Está com um ar muito enérgico hoje, Maestro.
- JANÁČEK Achas?
- ANA L. Isso foi a pior coisa que lhe podias ter dito.
- JANÁČEK Eu ouvi! (*Para ANEZKA.*) Onde é que nos sentamos?
- ANEZKA Não importa.
- AFONSO. Quando estiver pronto, Maestro.
- JANÁČEK (*Para ANEZKA.*) A Doutora está um pouco agastada, não está?
- AFONSO. Estamos prontos?
- ANEZKA (*Para TODOS.*) Peço desculpa, mas tenho de ir.
- ANA L. Não tem nada!
- ANEZKA Tenho de apanhar o último comboio.
- AFONSO Eu depois levo-a à estação.
- ANEZKA Peço imensa desculpa.
- AFONSO Fique. Isto demora menos de quinze minutos.
- ANA M. Afonso!
- ANEZKA Peço imensa desculpa. Mas já ouvi os dois primeiros andamentos. Parabéns – maravilhosos. Muito obrigada a todos. (*Formalmente para JANÁČEK.*) E muito obrigada também a si por toda a sua ajuda.
- JANÁČEK De nada.

ANEZKA Escrevo-lhe na próxima semana.
JANÁČEK Uma carta de agradecimento muito formal – eu sei.
[Os músicos começam a deslocar as cadeiras e as estantes para a boca de cena e instalam-se.]
Ela deixa a pasta verde ao lado dele.
ANEZKA Estou certa de que estão cheias de sentidos metafóricos, Sr. Janáček. Mas também sei que podem ser lidas como as maravilhosas cartas de amor que são.
JANÁČEK Obrigado.
ANEZKA E estou convencida de que essa leitura é a leitura mais verdadeira.
JANÁČEK Mais verdadeira não, Anezka. Não, não, mais verdadeira não. Sim, ambas as leituras podem coexistir – porque não? Mantidas numa espécie de equilíbrio. Até capazes de se iluminarem mutuamente. Mas em última análise, Anezka, em última análise – toda esta agitação mesquinha à parte (*a pasta verde*) – o que interessa é a obra. Isso é algo em que se deve insistir. Tudo deve estar subordinado à obra. E com toda a sua ingenuidade nestas matérias, até a própria Kamila foi capaz de reconhecer o primado da obra. Ela compreendeu isso desde o início: que a obra vinha sempre primeiro. E ainda bem para ela! A minha eminentemente sensível Kamila! Verdadeiro granito de Pisek. (*Ri-se.*) Granito de cidade pequena, mas ainda assim granito. E eu acho que isso nos diz muito mais sobre a senhora Stösslová do que todo este... excesso.
ANEZKA *avança para a porta.*
ANAL. Adeus, Anezka.
ANEZKA Adeus. Adeus a todos.
AFONSO Voltamos a vê-la?
ANEZKA Espero que sim.
LOURENÇO Eu também espero que sim.
ANEZKA *aproxima-se novamente de JANÁČEK e fala com ele de forma suave, mas intensa.*
ANEZKA Eu sei que está enganado, Sr. Janáček. Todas as fibras do meu ser me dizem que está enganado. O senhor não sabe o que é a coisa em si, verdadeira. Aqui (*a pasta verde*) está. Na verdade, não podia estar mais enganado.
Sai.

>>

ANA M. Uma jovem simpática.
LOURENÇO Uma jovem adorável.
AFONSO (Para LOURENÇO.) E que tal outra vodca?
ANA LUÍSA Vá lá! Depois podemos conversar. Agora, mãos à obra.
AFONSO Podemos, Maestro?
JANÁČEK *anui com a cabeça.*
O quarteto começa a tocar os dois últimos andamentos, o moderato e o allegro.
Durante algum tempo, JANÁČEK olha fixamente na direcção em que saiu ANEZKA. Depois, apercebe-se da pasta verde que ela deixou para trás – será que deve chamar por ela? Pega na pasta. Muito lentamente, vira-a nas suas mãos, lançando alguns olhares ocasionais aos músicos. Acaba por abrir a pasta, folheando-a lenta e delicadamente, parando aqui e ali para ler uma ou outra frase. Encosta a cabeça para trás e fecha os olhos.
Escuro no momento em que o allegro termina.

332>333

NOTA

[1] Tradução de **Paulo Eduardo Carvalho**

>> Foto I



© ASSéDIO, 2009

>>

>> Foto II



© ASSéDIO, 2009

334>335

